



KnoWhy #753

Setembro 20, 2024



Como Muleque chegou ao Novo Mundo?

"Ora, a terra do sul foi chamada Leí e a terra do norte foi chamada Muleque, segundo o filho de Zedequias; porque o Senhor havia conduzido Muleque para a terra do norte e Leí para a terra do sul."

Helamã 6:10

O conhecimento

O Livro de Mórmon menciona um filho do rei Zedequias chamado Muleque que, ao contrário dos outros filhos de Zedequias, não foi morto pelos babilônios quando Jerusalém foi destruída. Muleque conseguiu então alcançar as Américas, onde seu povo acabaria se unindo a Mosias e aos nefitas (Ômni 1:13–19). Ao contrário da jornada de Leí ou dos Jareditas, o Livro de Mórmon não explica diretamente como Muleque e os que estavam com ele chegaram ao Novo Mundo (1 Néfi 1–18; Êter 1–6). No entanto, alguns detalhes importantes sobre a jornada de Muleque para a América podem ser obtidos.

Primeiro, o profeta Amaléqui registra no livro de Ômni que os mulequitas "saíram de Jerusalém na época em que Zedequias, rei de Judá, fora levado cativo para

a Babilônia." (Ômni 1:15). Isso colocaria o êxodo do grupo da terra de Jerusalém depois que Leí já havia partido, provavelmente muito perto da destruição da própria Jerusalém em 586 a.C. Além disso, quando eles "viajaram pelo deserto e foram guiados pela mão do Senhor, através das grandes águas, à terra onde Mosias os encontrou; e ali viveram desde aquele tempo" (Ômni 1:16). Muleque não viajou sozinho, e é possível que ele estivesse sob a proteção de algum guardião real oficial. Como Mosias 25:2 menciona, outros "que com ele haviam ido para o deserto" quando fugiram de Jerusalém.

A terra a que chegaram estava ao norte do local de desembarque de Leí: Helamã 6:10 registra que "o Senhor havia conduzido Muleque para a terra do norte e Leí para a terra do sul". Embora o Livro de Mórmon

não indique explicitamente se os mulequitas desembarcaram na costa leste ou oeste, o livro de Alma registra que a cidade de Muleque estava "perto do mar" (Alma 51:26). Se os mulequitas usaram as mesmas regras de nomenclatura que os nefitas, é possível que esta cidade tenha recebido o nome de Muleque logo após a chegada dos mulequitas ao Novo Mundo (ver Alma 8:7). Se os mulequitas tivessem desembarcado na costa leste, teriam atravessado o Oceano Atlântico em sua jornada.

Estudiosos como John L. Sorenson e Jeffrey R. Chadwick argumentaram que, com base em evidências bíblicas, Muleque teria (a idade de) quinze ou dezesseis anos e poderia ser muito mais jovem. A maneira mais viável de manter Muleque seguro teria sido buscar refúgio no Egito, assim como outros israelitas estavam fazendo na época, incluindo algumas das filhas de Zedequias (ver Jeremias 43:1–6). É provável que Muleque não estivesse em Jerusalém no momento de sua destruição, seja como enviado de seu pai ou porque foi conduzido para fora da cidade na esperança de manter um herdeiro ao trono.

Seja de um porto egípcio ou de um mais ocidental, como Cartago (atual Tunísia), Muleque ou seus guardiões poderiam ter contratado, por exemplo, um navio fenício, egípcio ou grego para afastá-lo da influência babilônica. A maioria dos estudiosos acredita que esse navio teria navegado naturalmente para o oeste, através do Mediterrâneo, através do Estreito de Gibraltar, até o Oceano Atlântico. Como Sorenson resumiu: "A experiência dos marinheiros do Mediterrâneo foi voltada para o oeste, não para o leste nos oceanos Índico e Pacífico. Na minha opinião, é certo que viajaram através do Atlântico". Ainda não está claro se este navio teria a intenção de navegar para o Novo Mundo ou, talvez por providência divina, desviou-se do curso e chegou ao Novo Mundo.

O Livro de Mórmon também contém algumas possíveis evidências que apoiam o contato fenício com os mulequitas. Por exemplo, o rio Sidon provavelmente recebeu o nome do porto fenício de mesmo nome (Alma 2:15). Foi especificamente declarado que este rio corria pela terra de Zaraenla, o que poderia indicar que os mulequitas lhe deram seu nome. Nesse caso, o nome de um dos portos fenícios mais proeminentes seria apropriado para o curso de água principal dos mulequitas. Por outro lado, o nome

Sidom pode ter sido mencionado nas placas de latão (ver Gênesis 10:19; Juízes 18:28). Também foi observado que Siron, mencionado em Alma 39:3, é um nome fenício para o Monte Hermon (Deuteronômio 3:9), e também é possível que Sidom (o nome da terra que ficava ao lado do rio Sidon), mencionado em Alma 15:1, tenha uma etimologia relacionada.

Além disso, certos nomes de pessoas e lugares no Livro de Mórmon parecem ter etimologias gregas, como Archaeus, Antipas, Timothy, Lachoneus e Angola. Todos esses nomes aparecem apenas depois que os nefitas inicialmente encontraram os mulequitas e suas culturas tiveram tempo de assimilar. A presença de nomes gregos no Livro de Mórmon, como os nomes das terras fenícias, poderia ter sido introduzida pela tripulação do navio que levou Muleque ao Novo Mundo.

A tripulação fenícia, como observou John L. Sorenson, "provavelmente teria sido um grupo heterogêneo, misto, mediterrâneo, uma vez que o fenício muitas vezes não significava um grupo etnicamente uniforme". O mesmo pode ser dito das tripulações egípcias e gregas (helênicas) que geralmente vinham de uma variedade de terras e ilhas. Essa diversidade poderia explicar não apenas a presença de nomes gregos e fenícios no mundo nefita, mas também outro aspecto do Livro de Mórmon. Está registrado que quando Mosias e seu povo, inicialmente, encontraram o povo de Zaraenla, a "língua havia se corrompido" dos mulequitas após cerca de 380 anos, não tendo trazido nenhum registro com eles (Ômni 1:17). Sorenson escreveu: "Pelo que os linguistas históricos sabem sobre a mudança de idioma, é altamente improvável que, se o hebraico tivesse sido a língua exclusiva do grupo Muleque, sua língua teria mudado em trezentos anos para ser ininteligível para Mosias". Se fosse um grupo multilíngue, especialmente sem registros escritos, seu idioma poderia ter sido corrompido muito mais rapidamente pela mistura de elementos de diferentes idiomas.

Isso também poderia explicar por que Amaléqui apontou que os mulequitas "negavam a existência de seu Criador" quando Mosias também os encontrou inicialmente (Ômni 1:17). Grande parte de sua confusão religiosa poderia ter ocorrido se Muleque tivesse vindo para o Novo Mundo através de uma

tripulação mista. Se os israelitas não fossem os únicos no navio, isso poderia ter levado a uma confusão e amálgama de práticas religiosas ao longo dos anos, não apenas para atender às necessidades de toda a tripulação, mas também para mudar crenças básicas e quebrar alguns dos mandamentos do Senhor no processo.

Além disso, evidências arqueológicas mostram que, na época em que Muleque teria deixado Jerusalém para o Novo Mundo, os fenícios e gregos estavam envolvidos em um comércio marítimo substancial e eram conhecidos por sua capacidade de navegar pelos mares. O estudioso bíblico William G. Dever observou: "No século VII [a. C.], seu comércio marítimo estava no auge, espalhando-se para o Egito, Norte da África, Grécia e Egeu, e tão longe quanto a Espanha". Os mercadores fenícios também tinham comércio e comunicação com Israel, como atestado por uma ampola detalhando "um navio fenício com proa e popa levantadas, mastro, remos e leme" que datam dos séculos IX a VIII a.C. e que foi encontrado em Jerusalém.

De acordo com Heródoto, o faraó egípcio Neco II encomendou marinheiros fenícios para circunavegar a África por volta de 600 a.C. A historicidade desse evento às vezes é questionada, mas um comentarista observou que "os interesses de Neco no Mar Vermelho e nas regiões do sul são[...] bem atestados". Além disso, Heródoto inclui um detalhe sobre a posição do sol para os marinheiros em uma parte de sua jornada que parece incrível para ele, mas isso pode realmente refletir o conhecimento de testemunhas oculares dos céus que seria obtido navegando pelo hemisfério sul.

Em 2008, um ex-oficial naval inglês chamado Philip Beale tentou recriar essa suposta viagem mencionada por Heródoto, então ele construiu uma réplica de um navio mercante fenício de 600 a.C. O navio de Beale, que ele chamou de Fenícia, foi cuidadosamente projetado com base em um naufrágio subaquático de um antigo navio mercante fenício (Jules-Vern VII) encontrado no porto de Marselha, na França, datado de cerca de 700 a.C. Esforços foram feitos para tornar o navio o mais autêntico possível, adicionando apenas necessidades tecnológicas modernas mínimas. Com uma equipe de voluntários de todo o mundo, Beale conseguiu circunavegar a África em dois anos e dois meses. Durante esta viagem, o navio de Beale

navegou muito mais longe no Atlântico do que o inicialmente previsto, chegando a algumas centenas de quilômetros das costas de várias ilhas do Caribe.

Isso inspirou Beale a fazer uma segunda viagem, tentando cruzar o Atlântico em 2019. Com outra tripulação voluntária, Beale navegou pela Fenícia de Túnis (o local da antiga cidade de Cartago) para o oeste através do Estreito de Gibraltar até o porto canário de Tenerife (o local de lançamento da viagem de Colombo em 1492). De lá, atravessou o Oceano Atlântico, chegando à República Dominicana, no Mar do Caribe. Então, com assistência motora, ele desembarcou em Miami, Flórida, em fevereiro de 2020. Essas duas viagens demonstram que os navios fenícios e outros navios antigos eram capazes de viagens transoceânicas e alcançaram as Américas já em 600 a.C., se não muito antes.

Evidências linguísticas também apoiam o contato entre os fenícios e as Américas. Nas últimas décadas, o linguista Brian D. Stubbs observou muitas semelhanças entre algumas línguas americanas e as do Velho Mundo. Stubbs é uma autoridade estabelecida na família linguística uto-asteca, que inclui cerca de trinta idiomas falados principalmente no oeste do México e no sudoeste dos Estados Unidos. Ele descobriu que essas línguas parecem ter semelhanças com as línguas semíticas, como hebraico, egípcio e até fenício.

O porquê

De acordo com o profeta Leí, as Américas eram "uma terra de promessa, uma terra escolhida". Além disso, "o Senhor concedeu esta terra por convênio a mim e a meus filhos para sempre; e também a todos os que forem tirados de outros países pela mão do Senhor". Leí continuou profetizando que "ninguém virá à esta terra a menos que seja trazido pela mão do Senhor" (2 Néfi 1:5–6). Amaléqui usaria essa mesma linguagem ao relatar a chegada dos mulequitas às Américas, afirmando que "foram guiados pela mão do Senhor, através das grandes águas" (Ômni 1:16). Assim, para o público nefita, a presença dos mulequitas no Novo Mundo foi afetada pela vontade de Deus, assim como "nosso pai, Leí, foi trazido de Jerusalém pela mão de Deus" (Alma 9:9; ver também Mosias 2:4).

Entender como os mulequitas chegaram ao Novo Mundo pode fornecer perspectivas adicionais sobre como o Senhor pode cumprir Suas promessas de diferentes maneiras. Quando o Senhor levou os nefitas e Jareditas para as Américas, Ele os instruiu a construir seus próprios navios ou barcas e forneceu-lhes meios para guiá-los para o Novo Mundo. Para os mulequitas, é provável que o Senhor pudesse ter escolhido uma cultura náutica já estabelecida que fosse habilidosa o suficiente para fazer a jornada. Também é possível que o Senhor tenha guiado deliberadamente este navio em águas desconhecidas para garantir que eles chegassem ao Novo Mundo, assim como Ele guiou os Jareditas através dos ventos e ondas.

Embora não precisemos saber todas as razões e propósitos do Senhor ao trazer os mulequitas para o Novo Mundo, é possível que Ele o tenha feito para fornecer um testemunho confirmador de que Jerusalém havia sido destruída como Leí havia profetizado. Embora a destruição de Jerusalém tenha sido confirmada em uma visão a Leí, depois de chegar ao Novo Mundo, isso permaneceu uma questão de fé para os filhos de Leí, que não puderam retornar à Jerusalém para confirmar a visão de seu pai (ver 2 Néfi 1:4). No entanto, a reunião dos dois grupos ocorreu cerca de 350 anos após o desembarque de Leí, e a presença dos mulequitas poderia ter servido em parte para recompensar a fé dos nefitas, pois eles poderiam testemunhar, com certeza, que Jerusalém havia sido destruída exatamente como Leí havia predito.

Na verdade, os mulequitas parecem ter servido a esse propósito na história nefita. Quando Néfi, filho de Helamã, falou a uma audiência nefita maligna, ele usou os mulequitas como evidência de que as palavras dos profetas seriam cumpridas: "E agora negareis que Jerusalém foi destruída? Direis que os filhos de Zedequias não foram todos mortos, com exceção de Muleque? Sim, e não vedes que os descendentes de Zedequias estão conosco e que foram expulsos da terra de Jerusalém?" (Helamã 8:21).

Com essa confirmação, os nefitas poderiam ter aumentado a fé em outras profecias, incluindo as profundas proclamações de Samuel, o lamanita, sobre a vinda de Jesus Cristo, sabendo que elas também se cumpririam em breve.

Este KnoWhy foi produzido em cooperação com Boyd Tuttle, pesquisador da EMPRESA Foundation e membro da tripulação da Expedição Fenícia em 2019.

Leitura complementar

H. Curtis Wright, "Muleque", em *The Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (Macmillan, 1992), 2: pp. 969–970.

John L. Sorenson, "The 'Mulekites'", *BYU Studies* 30, no. 3 (1990): pp. 6–22.

Jeffrey R. Chadwick, "Has the Seal of Mulek Been Found?" *Journal of Book of Mormon Studies* 12, no. 2 (2003): pp. 72–83, 117–18.

Detalhes dessa jornada estão registrados em Philip Beale e Sarah Taylor, *Sailing Close to the Wind: An Epic Voyage Recreating the First Circumnavigation of Africa by the Phoenicians in 600 BC* (Lulworth Press, 2012).

Philip Beale, *Atlantic BC: An Epic Recreation of a Phoenician Voyage 2000 Years Before Columbus* (Lulworth Cove Press, 2021).



© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

1. Ver Helamã 8:21; 2 Reis 25:7; Jeremias 39:6, 52:10. Também é possível que um selo pertencente a Muleque tenha sido encontrado no Velho Mundo. Ver o artigo na Central do Livro de Mórmon, "Um artefato do Livro de Mórmon foi encontrado? (Mosias 25:2)", *KnoWhy* 103 (8 de maio de 2017); Jeffrey R. Chadwick, "Has the Seal of Mulek Been Found?", *Journal of Book of Mormon Studies* 12, no. 2 (2003): pp. 72–83, 117–18.
2. Também vale a pena notar que Êter 9:3 coloca a destruição Jaredita perto da costa. Os mulequitas encontraram Coriântumr, o último Jaredita sobrevivente, o que implicaria (embora não necessariamente exigisse) uma localização oriental para a civilização mulequita.
3. Para uma discussão mais completa sobre o local de desembarque oriental dos mulequitas, ver John L. Sorenson, "The 'Mulekites'", *BYU Studies* 30, no. 3 (1990): p. 10.
4. O Livro de Mórmon não dá nenhuma indicação da idade de Muleque ou onde ele se encaixa na ordem de nascimento dos filhos de Zedequias, e não há consenso entre os especialistas do Livro de Mórmon. Sorenson, "Mulequitas", 8, observa: "Se Muleque fosse o filho mais velho de Zedequias, ele poderia ter quinze anos quando Jerusalém caiu e, como príncipe, poderia ter sua própria casa, na qual poderia haver uma masmorra (ver Jeremias 37:15-16 menciona uma em uma casa particular). Por outro lado, não sabemos se Muleque era mais do que uma criança. Quanto mais jovem ele era, maior a probabilidade de ter escapado do aviso dos babilônios e da subsequente matança em suas mãos". No entanto, Chadwick, "Has the Seal of Mulek Been Found?", 81, observa que "teria sido praticamente impossível para as filhas do rei ou qualquer outro judeu ter escondido um Muleque criança da custódia dos encarregados da

- segurança de Nebuzaradan. Mas se um Muleque não tivesse passado despercebido pelos babilônios, um Muleque de 15 ou 16 anos teria sido ainda menos propenso a escapar da captura, a menos que ele não estivesse em Judá no momento da queda de Jerusalém". Hugh Nibley, *Teachings of the Book of Mormon, Semester 2: Transcripts of Lectures Presented to an Honors Book of Mormon Class at Brigham Young University, 1988-1990* (Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS]; Covenant Communications, 2004), p. 5, também propôs: "Quando eles [os mulequitas] vieram, ele era um menino de cerca de dez ou onze anos. Ele poderia ser mais velho". Uma idade mais avançada explicaria mais facilmente a possível pertença do selo a Muleque, o que envolveria algum tipo de serviço judicial. Para mais informações sobre o uso de selos como o de Muleque por funcionários ou administradores judiciais (incluindo príncipes), ver Nili Sacher Fox, *In the Service of the King: Officialdom in Ancient Israel and Judah* (Hebrew Union College Press, 2000), p. 52.
5. Ver Sorenson, "Mulequitas", pp. 9–10; Chadwick, "Has the Seal of Mulek Been Found?", pp. 81–82.
 6. Chadwick, "Has the Seal of Mulek Been Found?", p. 82, observa que Muleque pode ter estado no Egito "para levar mensagens ao Egito e ajudar a coordenar a guerra, ou para garantir sua segurança como herdeiro do trono de Judá, ou ambos".
 7. Como Hugh Nibley apontou, os egípcios estavam tentando recuperar sua antiga "supremacia do comércio marítimo, [com] seus enormes navios marítimos tripulados exclusivamente por tripulações sírias e fenícias". Hugh Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, 3ra. ed. (Deseret Book; FARMS, 1988), p. 88.
 8. Ver Sorenson, "Mulekites", pp. 9–10; Ross T. Christensen e Claudia R. Veteto, "The Phoenicians and the Ancient Civilizations of America", *Newsletter and Proceedings of the S.E.H.A.* 111 (13 de janeiro de 1969): p. 3; "Possible Routes Suggested for Mulek's Voyage", *Ensign*, setembro de 1973.
 9. Sorenson, "Mulekites", p. 10.
 10. Ver Sorenson, "Mulekites", p. 9; Christensen e Veteto, "Phoenicians and the Ancient Civilizations", p. 3.
 11. Stephen D. Ricks, Paul Y. Hoskisson, Robert F. Smith e John Gee, *Dictionary of Proper Names and Foreign Words in the Book of Mormon* (Interpreter Foundation; Eborn Books, 2022), s.vv. "Sidon", "Siron", "Sidom". Hugh Nibley também propôs que Leí teria se oposto a Tiro por sua aliança com o Egito e, por extensão, Judá contra a Babilônia, o que também pode ter influenciado a aparição desse nome no Livro de Mórmon. Tiro também foi destruída pelos babilônios logo após Leí deixar Jerusalém, o que pode explicar por que no Livro de Mórmon os nomes sidônios aparecem em vez dos nomes tírios após o êxodo de Muleque no que provavelmente era um navio sidônio. Nibley, *Approach to the Book of Mormon*, pp. 88–89.
 12. Ver Morôni 9:2; Alma 47:7; 3 Néfi 1:1; 19:4; Mórmon 2:4; Ricks et al., *Dictionary of Proper Names*, s.vv. "Archeanto", "Timoteo", "Laconeio", "Angola". Para uma discussão mais aprofundada sobre os nomes gregos no Livro de Mórmon, ver Nibley, *Approach to the Book of Mormon*, pp. 289–290.
 13. O nome Jonas (a variante grega do hebraico Jonas) também aparece no Livro de Mórmon, em 3 Néfi 19:4. Não está claro se a forma grega foi usada no registro nefita original ou introduzida durante a tradução de José. Alternativamente, poderia ser derivado de outra etimologia hebraica. Ver Ricks et al., *Dictionary of Proper Names*, s.v. "Jonas".
 14. Sorenson, "Mulekites", p. 10.
 15. Nibley, *Approach to the Book of Mormon*, 88.
 16. Sorenson, "Mulekites", p. 11.
 17. Alternativamente, Christensen Veteto, "Phoenicians and the Ancient Civilizations", 3, propõe que os mulequitas talvez só falassem fenício, uma língua relacionada ao hebraico, o que significa que Mosias poderia ter apenas assumido que sua língua havia se corrompido. No entanto, se houvesse uma tripulação multinacional maior, como propõe Sorenson, mesmo essa linguagem seria adequada para quando Mosias e os nefitas se encontrassem com o povo de Zaráenla.
 18. William G. Dever, *Beyond the Texts: An Archeological Portrait of Ancient Israel and Judah* (SBL Press, 2017), p. 584.
 19. Ronny Reich, Eli Shukron e Omri Lemau, "The Iron Age II Finds from the Rock-Cut 'Pool' near the Spring in Jerusalem: A Preliminary Report," *em Israel in Transition: From Late Bronze II to Iron IIa* (c. 1250–850 BCE), 2 v, ed. Lester L. Grabbe (T&T Clark, 2008), 1: p. 140.
 20. Heródoto, *Histories* 4.42.2.
 21. David Asheri, Alan Lloyd, and Aldo Corcella, *A Commentary on Herodotus Books I–IV*, ed. Oswyn Murray e Alfonso Moreno (Oxford University Press, 2007), pp. 611–612.
 22. Detalhes dessa jornada estão registrados em Philip Beale e Sarah Taylor, *Los detalles de este viaje se registran en Philip Beale y Sarah Taylor, Sailing Close to the Wind: An Epic Voyage Recreating the First Circumnavigation of Africa by the Phoenicians in 600 BC* (Lulworth Press, 2012).
 23. Detalhes dessa jornada estão registrados em Philip Beale, *Atlantic BC: An Epic Recreation of a Phoenician Voyage 2000 Years Before Columbus* (Lulworth Cove Press, 2021). Depois de cruzar com sucesso o Atlântico, Beale afirma que era necessário usar um motor para navegar da República Dominicana para a Flórida. Ver Beale, *Atlantic BC*, pp. 203–206.
 24. Por exemplo, os navios minóicos são conhecidos por terem navegado da ilha de Creta para muitas partes do Mediterrâneo oriental, e os navios gregos, como é agora conhecido, navegaram de Akrotiri, na ilha de Santorini, também para partes orientais do Mediterrâneo durante a Idade do Bronze, antes de 1177 a.C. A Fenícia está atualmente em exibição em Montrose, Iowa, e é a prova de que a viagem transoceânica foi possível em 600 a.C. Também deve ser notado que os Santos dos Últimos Dias, incluindo Warren Aston, Boyd Tuttle e Doug Petty, participaram de ambas as viagens da Fenícia.
 25. Para influências fenícias especificamente, ver Brian D. Stubbs, *Exploring the Explanatory Power of Semitic and Egyptian in Uto-Aztecan*, 2ª ed. (Grover Publications, 2023), pp. 62–68; Brian D. Stubbs, *Changes in Languages: From Nephi to Now*, 2ª ed. (Four Corners Digital Design, 2020), pp. 80–85. Para uma discussão e resumo de suas descobertas gerais, veja também o artigo na Central do Livro de Mórmon, "O que sabemos sobre a língua nefita? (Mórmon 9:32–34)", *KnoWhy* 583 (5 de novembro de 2020).
 26. Esse pode ser um dos muitos fatores ao tentar determinar a localização dos eventos do Livro de Mórmon. No entanto, para obter mais informações sobre o que os profetas do Livro de Mórmon e dos Santos dos Últimos Dias ensinaram sobre esse tópico, consulte o artigo na Central do Livro de Mórmon, "Onde é a Terra da Promissão? (2 Néfi 1:5)", *KnoWhy* 497 (6 de fevereiro de 2019); Ver o artigo na Central do Livro de Mórmon, "Que conselhos os líderes da Igreja deram sobre o estudo da geografia do Livro de Mórmon? (3 Néfi 26:9)", *KnoWhy* 739 (4 de julho de 2024).

